



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

MILENE CARNEIRO REIS

A REPRESENTAÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL NO CONTO *PELE DE ASNO*, DE CHARLES PERRAULT

Caetité - BA

2025

MILENE CARNEIRO REIS

A REPRESENTAÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL NO CONTO *PELE DE ASNO*, DE CHARLES PERRAULT

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas do Departamento de Ciências Humanas, Campus VI, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para a conclusão do componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso III.

Orientadora: Prof. Ma. Valquíria Dias de Almeida

Coorientador: Prof. Me. Rogério Soares Brito



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH

CAMPUS VI - CAETITÉ/BA

FOLHA DE APROVAÇÃO

MILENE CARNEIRO REIS

A REPRESENTAÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL NO CONTO *PELE DE ASNO*, DE CHARLES PERRAULT

Trabalho de conclusão de curso aprovado pela banca examinadora para obtenção do grau de licenciado (a) / bacharel em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia com nota: 10,0.

Caetité, 17 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Valquíria Dias de Almeida

Profa. Ma. Valquíria Dias de Almeida

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB

Rogério Soares Brito

Prof. Me. Rogério Soares Brito

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB

Rozânia Alves Magalhães Silva

Profa. Ma. Rozânia Alves Magalhães Silva

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB

Documento assinado digitalmente



LUCIETE DE CASSIA SOUZA LIMA BASTOS

Data: 13/01/2026 16:14:11-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Luciete de Cássia Souza Lima Bastos

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB

“A infância é um chão que pisamos a vida inteira” - Lya Luft

Dedico este trabalho a todas as crianças que, por consequência de um mundo cruel e de uma sociedade conivente, anseiam por uma fada madrinha e por uma pele de asno.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primordialmente, a Deus - por ter sido minha âncora nesses árduos anos de estudo, me acompanhando, me acolhendo e me mostrando que o meu limite era sempre maior do que eu imaginava. “Coragem!” foi a frase que sempre escutei em minha consciência quando me desesperava e pensava que não daria conta. “Até aqui o Senhor tem nos sustentado!” (1 Samuel 7,12).

A meus primeiros professores, os mestres que esta vida me deu, meus pais, dedico este trabalho de conclusão de curso e meus anos de estudo. Obrigada por terem sido e por serem sempre meus maiores exemplos de força, dedicação, compromisso e amor. Às minhas irmãs, Laís, Máisa e Larissa, meu muito obrigada por tudo, mas principalmente por entenderem minhas ausências ao longo desses anos, pelas longas conversas de videochamada e desabafos. Sem vocês, eu nada seria!

Agradeço a meu avó, João, a minha madrinha, Lenira, por me motivarem e estarem ao meu lado nesse processo. Agradeço também à minha avó Isabel, minha estrelinha. Gostaria muito que você estivesse aqui para eu poder dizer que as minhas ausências valeram, de alguma forma, a pena. Você estará para sempre em meu coração!

Ao meu noivo, Rodrigo, a minha eterna gratidão por sempre me motivar e me apoiar em todas as situações, por ser meu porto seguro e a minha paz nos dias de alegria e de dificuldades. Agradeço por acreditar em mim mesmo quando eu duvidava, por me encorajar a seguir em frente e por compartilhar comigo cada conquista e cada sonho. Sua paciência, amor e companheirismo tornam minha caminhada mais leve e significativa!

À minha orientadora, Valquíria Dias, minha gratidão por todo o apoio, motivação, dedicação, infinitas devolutivas e companheirismo ao longo de todo o processo de graduação. Você é minha eterna inspiração! Ao meu coorientador, Rogério Brito, muito obrigada por me incentivar desde o princípio e por dividir um pouco do seu HD mental comigo! Sobre os ombros de gigantes, eu pude olhar além do horizonte. Todo o processo ficou mais leve com vocês!

Agradeço a todos os meus colegas e amigos que dividiram comigo cargas, risadas, piadas internas e tantos momentos que tornaram essa jornada mais leve e inesquecível. Em especial, agradeço à Gislane, Thainy Kelly, Juliana, Maurisa, Danielle, Maria Isabel e Cleisla, pelo companheirismo, pela parceria de sempre e por

estarem ao meu lado em cada etapa dessa caminhada. Levarei vocês comigo para a vida!

Por fim, agradeço a cada um dos professores que tive ao longo dessa caminhada, vocês me inspiraram, dia após dia, a me aperfeiçoar, a estudar e buscar dar o melhor de mim, simplesmente porque tive ótimos exemplos, não só na universidade, como na minha trajetória escolar e no meu trabalho. O exemplo arrasta. Espero que um dia eu possa ser metade do que vocês foram para mim.

“Caminhante, não há caminho! O caminho se faz ao caminhar!” - esta é a frase que levarei para a vida e que dá sentido a toda essa jornada. O que realmente importa é o percurso, a trajetória, a escalada, e não apenas o topo. Viva à escalada!

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar uma versão do conto popular *Pele de Asno*, de Charles Perrault, observando a representação do abuso sexual infantil. A literatura tem um significativo papel documental ao longo da história da humanidade. Deste modo, os contos de fadas, nascidos da oralidade, ostentam um aspecto civilizador, mas também subversivo, um verdadeiro espelho de seu tempo ou da projeção de uma sociedade imaginada. Assim, levando em conta o contexto social e histórico em que está inserido, trazemos à tona uma interpretação voltada para a atualidade, observando a representação do abuso sexual e suas implicações psicológicas e sociais. Ademais, buscou-se relacionar o abuso sofrido pela protagonista do conto à realidade vivenciada por crianças e adolescentes na atualidade. A fim de compreender as manifestações simbólicas dos traumas relacionados ao abuso, almeja-se interpretar o significado da pele de asno no contexto do conto. Para a realização desta pesquisa, a base teórica utilizada, pautou-se, primordialmente, nos estudos de Aristóteles (1990), em seu livro *Poética*, de Jack Zipes (2023), em sua obra *Os Contos de Fada e a Arte da Subversão*, e de Stakonski e Silva (2021), em seu artigo "Pele de Asno: do texto ao contexto". A perspectiva jurídica foi analisada a partir da Lei Federal do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e do Dossiê Violência Sexual. Com essa análise, objetivou-se criar pontes para novos estudos sobre o conto e conscientizar a comunidade em geral sobre os perigos da banalização do abuso sexual infantil.

Palavras-chave: *Pele de Asno*; abuso sexual infantil; representação.

ABSTRACT: This article aims to analyze a version of the folk tale *Donkeyskin* by Charles Perrault, focusing on the representation of child sexual abuse. Literature has played a significant documentary role throughout human history. In this sense, fairy tales, which originated in oral tradition, display a civilizing yet also subversive character, serving as a true mirror of their time or of the projection of an imagined society. Thus, taking into account the social and historical context in which the tale is embedded, this study brings to light an interpretation oriented toward contemporary concerns, examining the representation of sexual abuse and its psychological and social implications. Furthermore, the research seeks to relate the abuse suffered by the tale's protagonist to the reality experienced by children and adolescents today. In order to understand the symbolic manifestations of traumas related to abuse, the study aims to interpret the meaning of the donkeyskin within the context of the tale. For this research, the theoretical framework is primarily based on the studies of Aristotle (1990), in his work *Poetics*; Jack Zipes (2023), in *Fairy Tales and the Art of Subversion*; and Stakonski and Silva (2021), in the article "Donkeyskin: From Text to Context." The legal perspective was examined through the Federal Law of the Child and Adolescent Statute (ECA) and the *Dossier on Sexual Violence*. Through this analysis, the study aims to build bridges for further research on the tale and to raise awareness within the broader community about the dangers of trivializing child sexual abuse.

Keywords: *Donkeyskin*; child sexual abuse; representation.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objeto de estudo a representação ficcional do abuso sexual infantil no conto *Pele de Asno*, compilado da narrativa popular pelo autor francês Charles Perrault. Tendo-se em vista o período histórico e social em que foi coletado o texto literário, buscamos compreender o conto a partir dessas perspectivas e apontar como, mesmo num período tão longínquo do atual, a narrativa lamentavelmente permanece contemporânea. Desse modo, aspectos como a realidade, a ficção e a representação foram relacionados ao conto, a fim de entender a problemática presente na trama: o abuso sexual infantil.

A questão que movimenta esse estudo é: de que forma o abuso sexual infantil foi representado no conto *Pele de Asno*, de Charles Perrault? Essa investigação tem como premissa compreender não somente como o abuso sexual infantil está presente no conto, mas também analisar a simbologia da pele de asno em casos semelhantes e relacionar a ficção proposta no conto à realidade atual de crianças e adolescentes. Essa relação foi feita entre os trechos do conto que explicitam a relação familiar abusiva da protagonista, as simbologias e representações do abuso ali impressas, e a realidade atual, por meio de dados estatísticos e uma análise intertextual.

A base teórica utilizada para o entendimento sobre conto foi de Benjamin (1994) e Zipes (2023), enquanto o conceito de representação será demarcado pelo filósofo Aristóteles (1990). Para uma melhor compreensão psicológica, social e histórica do conto, a pesquisa pautou-se, primordialmente, no estudo de Stakonski (2021), que trata sobre *Pele de Asno* no contexto histórico de sua época e como as crianças eram vistas no meio social, e de Debaldo Silva e Oliveira (2013), que fazem uma relação entre a cultura escrita, a ficção e à representação da realidade. A perspectiva jurídica será analisada a partir da Lei Federal do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e do Dossiê Violência Sexual, a fim de obter dados sobre o abuso sexual infantil, bem como seus sinais de alerta, punições e penas aos abusadores.

Para além da relevância coletiva da pesquisa, apresenta-se também um interesse pessoal no estudo, principalmente em relação ao aspecto representativo dos problemas sociais que a literatura é capaz de captar e perpetuar. Embora o conto seja uma criação ficcional, cabe observá-lo como um produto de um imaginário popular da época, que normalizava práticas incestuosas. Contemporaneamente, existem leis que regulam e criminalizam atos de abuso sexual infantil, porém, esses continuam acontecendo.

Desta forma, com este artigo, busca-se não somente tratar do conto, no âmbito literário e representativo, mas também dar visibilidade à temática que permanece, lamentavelmente, atual. De forma específica, almeja-se analisar a simbologia da "pele de asno" no conto estudado, destacando seu papel como metáfora para os mecanismos de defesa e ocultação presentes em casos de abuso sexual infantil, relacionar os elementos ficcionais da obra com a realidade atual vivida por crianças e adolescentes vítimas de abuso comprovado em dados estatísticos e correlacionar a perspectiva jurídica acerca do abuso sexual infantil à situação de abuso representada no conto.

Para além do mais, objetiva-se criar pontes para novos estudos sobre o conto e conscientizar a comunidade em geral sobre os perigos da banalização do abuso sexual. Por fim, como objetivo maior, almeja-se promover uma maior proteção às crianças e incentivar a denúncia, muitas vezes silenciada pelo tabu social que atravessa as relações humanas.

Desta forma, o trabalho está estruturado em introdução, metodologia, revisão de literatura, cinco tópicos de discussão teórica e conclusões provisórias. A discussão teórica, em específico, abordará, sequencialmente, o gênero conto e representação da realidade, Charles Perrault e a literatura de tradição oral, a representação do abuso em *Pele de Asno*, a infância e o abuso sexual: aproximações entre literatura e realidade e, por fim, a literatura como ferramenta de conscientização.

2 METODOLOGIA

A pesquisa procedeu a partir de uma abordagem qualitativa, pois buscou interpretar e analisar os significados simbólicos e sociais do texto literário *Pele de Asno*. Conforme Prodanov e De Freitas (2013, p. 34), a pesquisa qualitativa “é um método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade, pois considera que os fatos não podem ser analisados fora de um contexto social, político e econômico”. Sob essa mesma ótica, observamos na produção da narrativa popular selecionada como objeto de estudo, sem desconsiderar a perspectiva historiográfica presente na obra, os aspectos abusivos e anormais, mesmo para a época tratada. Desse modo, visamos analisar a representação do abuso sexual infantil e as simbologias associadas à pele de asno do conto.

Para tanto, a pesquisa em questão possui uma natureza exploratória e descritiva, pois, respectivamente, buscou analisar a questão do abuso sexual infantil no conto e

examinou como a narrativa representa as questões socioculturais relacionadas ao abuso. Como método, o presente projeto adotou a pesquisa bibliográfica, caracterizada por Marconi e Lakatos (2017, p. 54) como um estudo realizado “com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas e resumos”. Nesse sentido, realizamos esta pesquisa revisando materiais bibliográficos, como artigos, livros, estatutos e leis. Isso foi executado com o objetivo de observar a historicidade da obra, reconhecer a situação de abuso sexual infantil no conto e fazer uma ponte com a realidade, abordando dados atuais sobre o problema.

Como fonte primária para o estudo, tivemos como base o conto *Pele de Asno*, encontrado no livro *Contos de Fada em suas Versões Originais*, da editora Wish. O conto foi inicialmente compilado por Charles Perrault, escritor francês de grande prestígio mundial, e publicado no livro *Contos da Mamãe Gansa*. Entretanto, utilizamos a versão presente no livro supracitado, pois a obra contém uma maior gama de detalhes da narrativa em estudo. *Pele de Asno* destacou-se e foi escolhido entre tantos outros contos populares por expressar aquilo que é mais condenável, asqueroso e camuflado socialmente – o abuso sexual infantil. Logo, considerar o impacto social deste tema é tratá-lo com a seriedade que a temática exige.

A base teórica, fonte secundária, que foi utilizada para o entendimento sobre o gênero conto é Benjamin (1994), enquanto o conceito de representação foi demarcado por Aristóteles (1990). Para uma melhor compreensão psicológica, social e histórica da narrativa e da concepção de infância, nos baseamos, primordialmente, no estudo de Stakonski e Silva (2021) e de Debaldo Silva e Oliveira (2013). Por fim, a perspectiva jurídica foi analisada a partir da Lei Federal do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e do Dossiê Violência Sexual. Essas definições foram essenciais para o entendimento e para a análise do tema como um todo.

O processo metodológico foi organizado em etapas, a fim de seguir, sequencialmente, uma ordem inicial para a leitura e seleção de obras teóricas mais relevantes e coerentes com a pesquisa e o delineamento esperado. Posteriormente, foi feita uma análise do conto com foco nas simbologias e no contexto histórico e uma análise intertextual do conto em estudo às bases teóricas estudadas. Por fim, foi realizada uma consulta a dados estatísticos e às leis para contextualização contemporânea.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Este tópico visa apresentar os artigos selecionados para a análise do tema "A Representação do Abuso Sexual Infantil no Conto Pele de Asno, de Charles Perrault". Para isso, foi realizada uma pesquisa no Google Acadêmico, banco de publicações científicas, utilizando palavras-chave, como "Pele de Asno", "abuso sexual infantil" e "representação", com um recorte temporal do ano de 2015 até o de 2025. Inicialmente, somente a expressão "Pele de Asno" foi pesquisada e teve-se como resultado 4.310 artigos que citassem o conto; estes foram filtrados de maneira mais específica com a expressão "abuso sexual infantil" e/ou "simbologia", juntamente com a palavra-chave anterior. Então, foram encontrados 509 artigos, dos quais foram selecionados quatro com temáticas semelhantes às trabalhadas na pesquisa em questão.

Apesar de tratarem do conto de maneira simbólica e analisarem o contexto social, histórico e cultural da narrativa, o abuso sexual infantil não foi citado da mesma maneira que propomos nessa pesquisa, o que confere originalidade à pesquisa. Essa revisão demonstra não somente as diferenças de um trabalho para outro, como também as semelhanças presentes em cada um e o ineditismo da abordagem conferida à produção científica desenvolvida. O objetivo de tal revisão é, portanto, fundamental, pois permite identificar contribuições relevantes e estabelecer relações que agreguem valor a esta investigação.

Durante a pesquisa, foram encontrados outros artigos e resumos expandidos. Contudo, optamos por selecionar somente aqueles que apresentavam abordagens semelhantes ao tema em estudo, priorizando materiais com maior profundidade analítica. Assim, foram escolhidos três artigos e um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Apresenta-se, no quadro abaixo, uma descrição do ano, título, autor(a), das palavras-chave do tema e do tipo de pesquisa, das produções científicas selecionadas após a leitura dos resumos e uma posterior análise completa.

Quadro 01 - Produções científicas selecionadas no Google Acadêmico, período de 2015 a 2025.

TÍTULO	DESCRITORES	TIPO DE ABORDAGEM	ANO	AUTOR	PLATAFORMA
"PELE DE ASNO: DO TEXTO AO CONTEXTO"	Contos de Fada. Infância. Sexualidade.	Histórica e sociológica.	2021	Ana Carolina Stakonski e Ivone	Revista Signótica - UFG

	Contexto histórico			Maria Mendes Silva	
“O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO FEMININO NO CONTO DE FADA ‘PELE DE ASNO’”	Incesto, individuação (psicologia), libido, mulheres, psicologia junguiana.	Psicológica e literária.	2019	Marieta Vieira Messina	Self-Revista do Instituto Junguiano de São Paulo
“ERA UMA VEZ: O CONTO, A TRADIÇÃO ORAL E O FEMININO EM VERSÕES DO CICLO PELE DE ASNO”	Incesto; tradição oral; feminino; Pele de Asno.	Literária.	2023	Rafaela Bispo da Silva Sampaio	Saber Aberto - UNEB
“INFÂNCIAS ROUBADAS NAS VOZES QUE SE CALAM: UMA LEITURA DO CONTO DE FADAS ‘PELE DE ASNO’ [S.D.] CONTRAPONDO AO MINICONTO ‘CICATRIZ’” (2015)	Infância; Família; Violência.	Literária.	2020	Juliane Della Mèa	Universidade Regional Integrada (URI), Campus de Frederico Westphalen (R.S.)

Fonte: elaboração da própria da autora.

O artigo “*O processo de individuação feminino no conto de fada ‘Pele de asno’*”, de Marieta Vieira Messina, aborda o conto de uma maneira psicológica e simbólica. Ao longo da pesquisa, Messina (2019) analisa, de acordo com os princípios de Carl Jung, os personagens da trama e até mesmo os trajes e o próprio ambiente do conto. A saber, analisam-se os personagens arquetípicos da mãe (rainha falecida), do pai (o rei), da fada madrinha, da princesa, do asno e do príncipe. Além disso, foi observado o valor simbólico da pele do asno, dos vestidos usados pela princesa, do anel e do bolo feito por ela.

Segundo a autora, a narrativa possui 3 estágios associados ao processo de individuação da protagonista. O primeiro estágio é demarcado pelo momento em que a princesa é objeto de desejo incestuoso do pai, o segundo, por sua fuga do reino revestida com a pele de asno e, por fim, o terceiro estágio é marcado por sua ascensão como rainha e retomada de sua própria individualidade ao permitir-se voltar a ser uma princesa.

Stakonski e Silva (2021) tratam do conto de maneira contextualizada, socioculturalmente e historicamente, com foco na infância e na prática do incesto nos

séculos passados. Com base na pesquisa, percebe-se que o conceito de infância atribuído atualmente é bem distante do construído pelo imaginário popular na época de coleta do conto popular *Pele de Asno*. Portanto, a prática incestuosa relatada na narrativa é reflexo de um período que normalizava tais abusos, ainda que fossem estipulados como hediondos pela Igreja Católica, instituição de grande poder e influência na Idade Média.

A infância não tinha como cerne, portanto, preceitos morais, educativos e protetivos como atualmente. Além disso, o artigo trata da sexualidade presente no conto, mas não de uma forma que explique a tentativa de casamento consanguíneo como abuso sexual infantil. Atividades sexuais entre crianças e adultos e práticas incestuosas não eram incomuns à época e ainda eram retratadas em contos populares. Deste modo, de uma maneira geral, Stakonski e Silva (2021) argumentam, com base na história, que “o mundo da fantasia” e os contos de fadas reproduzem um contexto histórico e cultural, perpetuando suas tradições e hábitos – sendo esses bons ou maus costumes.

Sampaio (2023) faz um comparativo de versões encontradas do conto *Pele de Asno* ao longo do tempo e trata sobre o processo de amadurecimento e individualização feminina construído no decorrer das narrativas. A pesquisa documental encontra 17 narrativas semelhantes do conto popular, dentre as quais destaca os diferentes títulos dados ao conto, como *Pele de Asno*, *Pele de Bicho*, *Maria Galinheira*, *Dona Labismina*, *História do couro*, *Pele de Porco*, *A Ursa*, entre outros. Além disso, Sampaio (2023) analisa a tradição oral, a figura da mulher nessas narrativas e a simbologia presente na história.

Della Méa (2020) faz uma relação entre dois contos: *Pele de Asno* e *Cicatriz*. Ambos os textos têm uma polêmica em comum – tratam do abuso sexual infantil, um de uma maneira mais sutil, com uma personagem que se rebela contra os abusos e outro, em que a protagonista se isola e guarda o trauma para si própria. As narrativas são separadas por séculos de história, mas, infelizmente, tratam de um mesmo tema que permanece atual. Tal fato demonstra que a violência sexual é um problema que perdura gerações e permanece, sorrateiramente, na estrutura social. A autora destaca, desse modo, a importância da literatura como denúncia e como toda arte é um reflexo da sociedade vigente.

Dentre os trabalhos analisados, *Pele de Asno: do texto ao contexto* é o que mais se aproxima da temática abordada no presente trabalho. Assim como Stakonski e Silva (2021), buscamos analisar o contexto da obra, suas origens culturais e sociais. Entretanto, objetivamos destrinchar também os desdobramentos atuais de uma cultura que, por muito

tempo, desconsiderou e menosprezou a infância e mostrou-se passível e conivente com atos de abuso sexual infantil e incesto.

O trabalho de cada um dos autores, entretanto, será de suma importância para o desenvolvimento do artigo e de seus capítulos, tendo-se em vista que são enriquecedores para a fundamentação teórica. Stakonski e Silva (2021), por exemplo, serão usados como base para o capítulo 04, intitulado “A infância e o abuso sexual: aproximações entre literatura e realidade”, no qual uma abordagem histórica e sociológica é o principal enfoque. Os artigos de Della Mea (2020), Sampaio (2023) e Messina (2019) serão utilizados como aporte no capítulo 03, A Representação do Abuso em *Pele de Asno*, para analisar simbolismos presentes na narrativa em comparação à realidade social contemporânea.

Desta forma, usando como base o conto *Pele de Asno*, o enfoque maior deste trabalho ata-se em relacionar os elementos ficcionais da obra com a realidade atual vivida por crianças e adolescentes vítimas de abuso. Além disso, buscamos desenvolver estratégias de conscientização e incentivo à denúncia de abuso infantil, baseando-nos na análise da simbologia presente no conto e em dados da realidade contemporânea.

4 DISCUSSÃO TEÓRICA

4.1 O gênero conto e a representação da realidade

O conto, segundo a concepção de Walter Benjamin (1994), é um gênero enraizado na literatura oral, que, neste contexto, é transmitido de geração em geração. Ao longo da história, as narrativas orais e escritas têm carregado as minúcias da vivência de um povo a partir da contação de histórias. Os contos de fadas, também chamados de contos maravilhosos, revelam não só a história social de um povo, mas também o retrato da realidade e os anseios de mudança, subversão ou de civilizar uma sociedade. Ainda na atualidade, os contos de fadas impõem um forte caráter civilizatório e procuram instruir e definir condutas das novas gerações. Desta forma, tais histórias infantis foram perpetuadas no tempo e continuam influenciando práticas culturais e até mesmo tendências pedagógicas.

Segundo Jack Zipes (2023), em seu livro *Os Contos de Fada e a Arte da Subversão*, os indivíduos usam a linguagem para conhecer o mundo e a si mesmos por

meio da metáfora. “A arte dos contos de fadas oferece um meio para compreender o mundo real” (Zipes, 2023, p. XVI). Desse modo, os costumes, as tradições e as vivências se refletem na literatura que, por sua vez, é um retrato social de um tempo, uma representação das inquietações de um povo e de seu imaginário popular.

Os contos maravilhosos, também conhecidos como contos de fadas, surgiram historicamente associados a um público maduro. Na verdade, o gênero hoje denotadamente voltado para crianças era destinado, majoritariamente, aos adultos, pois era carregado de violência e elementos que faziam parte do universo da maioridade. Conforme Coelho (2010, p. 30),

Forjadas por comunidades quase bárbaras, as narrativas medievais revelam um mundo de relações humanas onde os direitos não são iguais para todos. Daí a predileção pelos casos que mostram a prepotência dos fortes explorando os fracos, a astúcia destes para não serem vencidos, o artil das mulheres para enganar os homens, o jogo do poder ao da posse, ambições, vaidades, orgulhos, ciúmes, ódios, paixões, que são inerentes à comédia humana de ontem e de hoje.

Entretanto, ao longo do tempo, com os compilados da oralidade popular de Charles Perrault, essa realidade se transformou. Os contos marcados por imoralidade passaram a ser carregados de eufemismos e foram utilizados para instruir o “bom” caminho e ensinar às crianças os costumes e a ética populares, com a publicação do livro “Contos da mamãe gansa”, de título original “Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades”. Sendo assim, essas narrativas foram utilizadas não somente para entreter, mas também para ter um papel pedagógico e moralizante na vida dos infantes.

Cabe destacar também que essa mudança só foi possível a partir de dois fatores – o reconhecimento da infância como uma fase de inocência e fragilidade da vida e a ascensão de uma nova classe social – a dos burgueses, capazes de consumir o conteúdo literário e que eram alfabetizados para tal. Essa nomeação de literatura infantil, portanto, surgiu “modificando o status da criança na sociedade e no âmbito doméstico, e o estabelecimento de aparelhos ideológicos que visaram preservar a unidade do lar e especialmente o lugar do jovem no meio social” (Zilberman, 2003, p. 34).

Nessas fontes literárias, é possível observar a evidente criação maniqueísta de personagens bons e ruins para que o público leitor principal, as crianças, não se confunda. Bettelheim (2002) afirma que estes personagens não são ambivalentes, como todos somos na realidade, mas sim caricaturas do “mocinho” e do “vilão”.

Mas dado que a polarização domina a mente da criança, também domina os contos de fadas. Uma pessoa é ou boa ou má, sem meio termo. Um irmão é tolo, o outro esperto. Uma irmã é virtuosa e trabalhadora, as outras são vis e preguiçosas. Uma é linda, as outras são feias. Um dos pais é todo bondade, o outro é malvado. A justaposição de personagens opostos não tem o propósito de frisar o comportamento correto, como seria verdade para contos admonitórios (Bettelheim, 2002, p. 9).

Sob essa perspectiva, o objetivo principal do conto maravilhoso é instruir os pequeninos a seguir valores próprios de sua época e esse gênero tornou-se universal justamente por seus preceitos sobreviverem ao tempo – os ensinamentos ali depositados, deste modo, são passados de geração em geração. Segundo Bruno Bettelheim (2002, p. 79), em *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, “como toda grande arte, os contos de fadas tanto encantam como instruem; seu talento especial é que faz isso em termos que falam diretamente com a criança”.

No mundo onírico e fantástico da criança, o conceito de bem e mal concretiza-se, assim, na figura do vilão, enquanto sua confiança é depositada no mocinho. Nesse viés, “os contos de fadas deixam para a própria fantasia da criança a decisão de se e como aplicar a si própria aquilo que a história revela sobre a vida e a natureza humanas” (Bettelheim, 2002, p. 67).

Percebe-se, portanto, que, apesar de fantasiosas, as narrativas perpetuadas na oralidade e na escrita carregam em si uma representação simbólica da cultura de um povo, seus costumes, crenças e práticas em seu tempo. “Daí a tendência é o simbolismo que caracteriza toda a arte medieval: pretendia expressar o além da mera aparência” (Coelho, 2010, p. 27). Deste modo, é possível observar os contos maravilhosos como um espelho do período histórico em que se passaram, sendo a chave para o entendimento de traços bons ou ruins da humanidade que foram eternizados pela escrita e pela cultura de um povo. Sendo a literatura uma arte que representa a vida, o que pode ela ter representado? A beleza, a virtude e os valores estão sempre em destaque nesses contos, mas há também uma outra face, escondida pelo tempo – marcada pela maldade, pelos vícios e desgraças humanas?

4.2 Charles Perrault e a literatura de tradição oral

Compreendida a natureza simbólica do conto, passa-se agora ao entendimento de quem foi Charles Perrault, cuja obra representa a consolidação literária dessa tradição oral. O escritor francês Charles Perrault (1628-1703), descendente de uma família nobre,

foi o compilador de inúmeros contos infantis da literatura oral medieval, dentre eles, *A Bela Adormecida*, *O Gato de Botas*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Pequeno Polegar*, *Barba Azul* e um dos mais polêmicos, *Pele de Asno*. Perrault se tornou reconhecido por ser um dos primeiros escritores franceses a impulsionar e popularizar os contos de fadas, coletados da narrativa popular oral. Sua literatura era destinada ao entretenimento das crianças na nobreza francesa, mas acabou ganhando fama e se espalhou para todas as classes sociais.

Perrault ganhou notoriedade no meio literário da corte francesa de Luís XIV, momento em que se consagravam os romances conhecidos como "preciosos", lidos nos "salões" das "preciosas" que ele frequentava, a despeito da crítica a elas dirigida por outros intelectuais da época. As preciosas eram grandes damas cultas que propiciavam, em seus salões, discussões acerca da literatura e dos direitos femininos. Os "caudalosos romances preciosos" caracterizavam-se pela "aventura sentimental" e pelo "heroísmo da paixão", tendo como eixo o amor e a mulher, produção literária que se aproximava mais do pensamento popular que da estrutura clássica (Michelli, 2009, p. 01).

Sua escrita tornou-se reconhecida mundialmente pela eficiência em despertar imaginação e o aprendizado por meio das palavras. Segundo Zipes (2023, p. 56), “Perrault foi responsável pelo “aburguesamento” literário dos contos populares orais, e abriu caminho para a fundação de uma literatura infantil que seria útil para introduzir maneiras às crianças”. Assim, o autor sempre foi cuidadoso para que suas palavras fossem instrumentos de moralidade e civilização, à época.

[...] tomaram cuidado para que seus contos contivessem uma moral louvável e instrutiva. A virtude é recompensada em todos os lugares, e o mal é sempre punido. Todos eles tendem a revelar as vantagens de ser honesto, paciente, prudente, diligente e obediente, e que o mal pode assolar os caso não sejam assim (Zipes, 2023, p. 42).

De fato, as narrativas coletadas pelo escritor eram o retrato da sociedade do período. As fontes dos contos do escritor não são exatas, mas estudiosos inferem que muitos partem do *fabliaux*, gênero literário francês do período medieval que era métrico, escrito por jograis. Frequentemente, essas histórias baseavam-se em obscenidades sexuais do período, piadas escatológicas, de cunho crítico, irônico ou de escárnio contra a nobreza e o clero. Conforme Coelho (2010, p. 07), “sabe-se que os Fabliaux serviram de fonte direta para os três contos iniciais, *Grisélides*, *Os Desejos Ridículos* e *Pele de Asno*”. Em um deles, intitulado *Griselidis*, Perrault denota o que se esperava da mulher do período

de forma evidente – beleza, submissão, feminilidade, obediência e silêncio. Micheli (2009) destaca que

Na leitura dos contos de Perrault, os atributos das personagens femininas logo saltam aos olhos. Cinderela, Bela Adormecida e Chapeuzinho Vermelho são muito lindas, dóceis e amáveis e lembram as garotas ingênuas e desprotegidas, que estão expostas aos perigos do mundo. As fadas lembram a mãe protetora e as bruxas lembram a madrasta, mãe malvada. Essas características definem a imagem da mulher que o artista captou numa determinada época e transmitiu à posteridade, valorizando o seu papel na sociedade (Michelli, 2009, p. 2).

No conto *Grisélidis*, a personagem é submetida a diversos obstáculos – vistos atualmente como abuso – para que pudesse se provar suficientemente virtuosa e valorosa para seu marido. Abandono de relações familiares, a perda de seus dois filhos (sequestrados pelo próprio pai), humilhação pública e separação forçada, para que o marido se casasse com outra mulher – a filha desaparecida. Essas narrativas cruéis demonstravam o ideal esperado, ensinado de forma sutil nos contos. Messina (2009, p. 23) destaca que “o modo como Charles Perrault manifesta suas opiniões e juízo de valor registrados nas falas do narrador indica a sua percepção de mundo e o espírito do tempo no século XVII”. Deste modo, problemáticas complexas, além de reais ensinamentos, eram veladas e, por vezes, perpetuadas, a partir da contação de histórias.

O compilador foi responsável pela propagação dos contos de fadas também nos palácios reais. No período de regência do rei Luís XIV, por exemplo, Charles Perrault foi um dos convidados da corte a distrair os nobres com versos, poesias e contos de fadas. Tendo-se em vista o local de grande requinte em que estava, muitas das histórias que ele compilava não eram contadas, “os rituais medievais foram omitidos e a sexualidade pública foi substituída pelo recato e a intimidade” (Radino, 2003, p. 78). Portanto, desde este período, suas obras eram adaptadas ao gosto do público, sendo assim, escondidos os problemas sociais que os contos simbolicamente expressavam.

A primeira edição lançada pelo autor, o livro *Histoires ou contes du temps passé, avec des moralités* (Histórias ou Contos de Tempos Passados, com moralidades), teve uma seleção e adaptação dos contos, para que fossem mais aceitos pela comunidade dominante. Contos com teor vil, violência explícita ou mesmo obscenidades foram censurados, só aparecendo numa posterior segunda edição do autor, ainda assim, adaptados no livro *Contes de ma Mère l’Oye* (Contos de Mamã Gansa). Neste período, o conceito de infância estava se consolidando e o público em questão era um dos grandes interessados nesse tipo de literatura. Desta forma, foram necessárias sucessivas

adaptações para que essas narrativas fossem consideradas aceitáveis para as crianças. Conforme Stakonski e Silva (2021, p. 16),

Apesar da tentativa de Perrault de adequar os contos para a infância, percebe-se, ao ler seus registros, que ainda há uma distância destes em relação ao que atualmente é considerado apropriado ou desejável para essa faixa etária. Nestes registros podem ser observados alguns elementos que hoje são considerados do mundo adulto ou inadequados para crianças e que, por isso, acabaram sendo censurados e/ou adaptados em relação à estrutura original do conto.

Na contemporaneidade, os contos escritos por Perrault ainda se encontram espalhados pelo mundo todo, adentrando as escolas no ensino de literatura infantil, reforçando as práticas de leitura. Apesar da grande parte desses contos coletados possuírem uma certa ingenuidade, há também aqueles que perpassam um olhar para o lado vil do ser humano. Histórias obscenas, repugnantes e que reproduzem asco no leitor também foram eternizadas por sua escrita. *Pele de Asno*, objeto de estudo desse artigo, foi uma dessas narrativas.

4.3 A representação do abuso em *Pele de Asno*

O conto inicia-se como de costume: em uma terra distante, um rei muito rico, sua esposa e filha vivem felizes e em prosperidade. Este cenário se transforma com o falecimento da rainha, que, em seu leito de morte, pede ao seu marido que não se case com outra mulher, mas o adverte que “se encontrar uma mulher mais bela, perfeita e sagaz que eu, realize o matrimônio” (Perrault, 2021, p. 320). Segura de que tal fato não ocorreria, a mulher morre em paz. Pouco tempo depois, o monarca põe-se numa busca incessante por uma noiva, até que percebe despertar interesses pela sua própria filha.

O próprio rei se deu conta, ardendo de um amor extremo, concluiu loucamente que devia desposar a própria filha. Encontrou mesmo um casuísta¹ que julgou que o caso era condizente. Mas a jovem princesa, triste de ouvir falar de tal amor, lamentava-se e chorava noite e dia. (Perrault, 2021, p. 320)

Ao perceber o desejo de seu pai, a princesa, com ajuda da fada madrinha, tem a ideia de impor condições para o seu casamento. Confiante de seu sucesso, solicita ao pai

¹ Segundo o dicionário, casuísta é um teólogo que se dedica a resolver casos de consciência pelas regras da razão e da religião, que transige com sua consciência, invocando razões pessoais. Pelo uso da palavra e a invocação do personagem para resolver a questão do casamento, percebe-se o incesto e a situação familiar anormal e doentia.

vestidos luxuosos, com características quase impossíveis de se concretizar. Infelizmente, do mesmo modo que pedia, lhe era concedido. Por fim, exige a pele de um asno que defecava ouro, símbolo de riqueza do reino. Desesperado pela união com a filha, o rei lhe entrega o couro do animal, sagrado na região.

Ao ver que nada faria com que o rei se distanciasse, a jovem, com medo, foge, com a ajuda da sua fada madrinha para o castelo vizinho. Para isso, veste a pele do asno sacrificado, com o intuito de se ocultar e tornar-se repulsiva aos demais. Após anos de trabalho como serva, um príncipe de um reino vizinho a avista adornada dos vestidos que seu pai a presenteara e apaixonou-se por ela. Por mais que a princesa estivesse ainda disfarçada pela pele de asno, sua beleza interior e sua bondade fazem com que o príncipe desperte ainda mais interesse pela moça e case-se com ela. Por fim, a garota encontra-se com seu pai, convidado ao casamento, já velho e arrependido dos seus atos.

Os contos possuem um caráter revelador quanto à sociedade de um período, pois a literatura também é uma fonte de conhecimento e um retrato da realidade. No conto em estudo, é evidente a presença do incesto e do abuso sexual infantil, reflexos da sociedade medieval em que se passa a trama. Segundo Aristóteles (1990), em sua obra *Poética*, a *mímeses* (imitação) é um princípio fundamental da arte. Nesse sentido, uma das características primordiais das narrativas é a imitação representativa da vida humana, a verossimilhança que aproxima a arte do que é real. Zipes (2023, p. XVI) destaca que

Os contos de fadas não são irreais; eles nos dizem metaforicamente que "a vida é dura", ou que "a vida é um sonho", seus padrões narrativos simbólicos que assumem a forma de missões indicam alternativas possíveis que podemos escolher para realizar a nossa disposição utópica para transformar a nós e ao mundo. As metáforas usadas na composição dos contos de fada estão muito ligadas à realidade empírica. Os contos de fada testam a correlação entre as práticas sociais e as possibilidades imaginativas que podem ser realizadas, mas que são frustradas em nossas interações cotidianas.

Nesse sentido, a literatura é um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas. Logo, até que ponto as narrativas ficcionais podem se distanciar da verdade?

Diversas conceituações já foram dadas à literatura. De uma forma geral, o que se denomina atualmente é um texto que utiliza as palavras de modo artístico, simbólico e estético a fim de comover, transpor ideias, perpetuar pensamentos e valores. Entretanto, dentre as tantas classificações, a que sobrevive ao tempo e é referenciada nas mais diversas palestras é a de que o texto literário é, antes de tudo, uma representação mimética

de uma sociedade e de seu período histórico-social. Foi a partir dessa perspectiva que o filósofo Aristóteles (1990) transpôs o significado de literatura (poesia) – “com efeito, imitar é congênito no homem desde a infância [...] e é por meio da imitação que adquire seus primeiros conhecimentos; e todos sentem prazer nas imitações.” (Aristóteles, 1990, p. 42). Além disso, conforme o autor, há também a capacidade da escrita ser recriadora da realidade, sendo ela não só capaz de representar aquilo que se é, mas também aquilo que a sociedade/a realidade poderia vir a ser.

Pele de Asno é um texto ficcional, mas deve-se considerar até que ponto a literatura reflete a realidade cotidiana. De acordo com Ferreira (2015), devemos perceber a capacidade inerente aos textos ficcionais de construir afinidades e entrelaces com o real, pois os contos populares podem ser considerados documentos históricos. Segundo Debal, Silva e Oliveira (2013, p. 68), “o mundo da fantasia reproduz um contexto histórico produzido por pessoas que se utilizam de tal recurso para perpetuar seus costumes e tradições”. Desta forma, apesar da trama ficcional fazer parte de um universo cultural próprio de seu tempo, a conivência e leviandade frente aos atos relatados evidenciam a negligência e a banalização com a temática do abuso sexual infantil em sociedade, perpetuada através da história e da ficção.

Deste modo, cabe questionar a realidade do período e as motivações para a publicação de *Pele de Asno*, tendo-se em vista que, inicialmente, este não havia sido inserido na coletânea de contos para o público nobre na primeira edição lançada. Segundo Stakonski e Silva (2021, p. 18), Perrault “percebia o conteúdo do conto como algo pesado para a nova representação de infância que vinha se consolidando, ou até o incesto como algo impróprio não só no que se refere à infância”. Entretanto, mesmo com a mudança cultural e a consolidação da infância enquanto fase da vida, percebe-se um certo interesse popular pela história reproduzida no conto, já que há indícios no começo do livro de que ele fosse publicado a partir de um apelo popular. “Sem temer, pois, a acusação de que meu tempo emprego mal, o conto *Pele de Asno*, em versão integral, narro para geral satisfação” (Perrault, 2015, p. 127).

Sob tal perspectiva, é possível constatar que, mesmo no período em que eram relativamente comuns relações incestuosas, a questão do casamento da princesa com o próprio pai era mal vista no meio social. Os pedidos sucessivos da filha para impedir/atrasar a realização do matrimônio, bem como a fuga da jovem revestida da pele de asno denotam o asco que o possível casamento lhe produzia. Além disso, a pronta realização destes desejos e a consulta ao casuísta pelo pai demonstram que ele próprio

percebia a irregularidade daquele ato e que, mesmo assim, desejava realizá-lo. Mesmo malvisto pela sociedade, o rei aplicaria a sua vontade à filha, pois além de adulto e forte, era rei, e seu querer não era questionado. Conforme Stakonski e Silva (2021, p. 24),

Os crimes sexuais existiam, mas as punições dadas aos adultos que os cometiam não levavam em consideração se a vítima era adulta ou criança. Com esses episódios, é possível notar que a visão corrente na época sobre a infância e as práticas sexuais envolvendo crianças não era equivalente à dominante na atualidade.

O abuso sexual infantil, deste modo, está presente no conto, somente não era denominado nestes termos, tendo-se em vista que, ainda que fosse condenado pelo povo, o incesto realizado pelo rei era ignorado socialmente, por sua posição hierárquica. Cabe destacar também que nem sempre as relações sexuais entre adultos e crianças foram consideradas ilegais e, sim, imorais.

4.4 A infância e o abuso sexual: aproximações entre literatura e realidade

Por séculos a fio, a concepção da infância presente hoje na sociedade não foi a mesma. Historicamente, as crianças foram marginalizadas e alvo de diversos problemas sociais; assim, não eram vistas como membros da família, inocentes ou vulneráveis. A ideia de pensar a criança como sujeito com direitos próprios a serem respeitados é algo recente. Na Idade Média, os índices de mortalidade infantil eram alarmantes – quando não morriam ainda no parto, muitos menores padeciam de fome, frio ou pestes não tratadas no período. Desta forma, a infância realmente não possuía uma importância social ou leis que a protegesse.

Essa falta de relevância coletiva gerou diversas situações irregulares, observadas hoje como crimes ou como problemáticas sociais, como o abuso sexual infantil e o incesto. Phillipe Ariès, grande estudioso francês da história da infância e da família medieval, destaca que “o respeito devido às crianças era então (no século XVI) algo totalmente ignorado. Os adultos se permitiam tudo diante delas: linguagem grosseira, ações e situações escabrosas; elas ouviam e viam tudo” (Ariès, 1978, p. 128). Segundo Stakonski e Silva (2021, p. 7),

Anteriormente aos séculos XVII e XVIII, em épocas de frio intenso, era comum os camponeses dormirem todos na mesma cama, para juntos esquentarem seus corpos. As crianças viam e presenciavam momentos em que

seus pais tinham relações sexuais. Esse exemplo [...] mostra a distância dessa representação conferida à infância e em sua relação com a sexualidade presente no período histórico por ele mencionado para a concepção mais difundida atualmente na cultura ocidental. É importante destacar que, ainda que esse tipo de prática ocorra atualmente em algumas famílias e os significados a elas atribuídos possam variar, as representações hegemônicas sobre a relação entre esses processos (infância e sexualidade) são, de fato, diferentes hoje.

Ainda que não houvesse uma lei que punisse e coagisse os indivíduos acerca do incesto e do abuso sexual infantil, tais práticas já eram repudiadas pela Igreja Católica, instituição de importante autoridade social no período.

Todo o período entre 1480 e 1650 pode ser visto como uma transição histórica na qual a Igreja Católica e o movimento reformador do protestantismo combinaram esforços, com o apoio das classes mercantis e industriais emergentes, para racionalizar a sociedade e literalmente exterminar os desvios sociais [...] quando surgiu a imagem da criança inocente e ingênua suscetível às forças naturais selvagens, a necessidade de controlar e proteger as crianças se tornou ainda mais acentuada. O não conformismo e o desvio social deveriam ser punidos brutalmente em nome da civilidade e do cristianismo (Zipes, 2023, p. 50).

A prática incestuosa, juntamente com a sodomia, a bestialidade, o adultério, a fornicação, a masturbação, já era vista como um problema. Ainda conforme Stakonski e Silva (2021, p. 22), “o horror da Igreja ao incesto [...] foi uma concepção construída ao longo dos séculos através das relações sociais.” Além disso, o autor afirma que, se houvesse uma repugnância natural ao incesto, não haveria necessidade de proibi-lo. Segundo Ariès (1978), a visão da infância inocente foi resultado de duas atitudes morais – poupá-la da “sujeira da vida” e, primordialmente, da sexualidade tolerada quando não aprovada por adultos. “Essa evolução correspondeu a uma necessidade nova de rigor moral da parte dos educadores, a uma preocupação de isolar a juventude do mundo sujo dos adultos para mantê-la na inocência primitiva” (Ariès, 1978, p. 231).

Sob esse ponto de vista, a narrativa *Pele de Asno* evidencia, de uma forma sutil, o abuso sexual infantil ainda presente na sociedade contemporânea. Segundo Messina (2019, p. 13), “a traição do pai possibilita a configuração do incesto, do abuso sexual”. Essa violação é expressa no desejo fixo do pai de satisfazer todos os pedidos da princesa, a fim de casar-se com ela. A simbologia da pele de asno presente no conto também é um fator predominante do abuso. Para fugir do reino sem ser reconhecida e causar um afastamento de seu perseguidor, a princesa torna-se alvo de asco, de repulsa social, fator muito comum entre vítimas de abuso sexual infantil.

Para se tornar irreconhecível, a pele de asno será um disfarce perfeito. Esconda-se bem dentro da pele, que ninguém acreditará, sendo tão feia, poder esconder algo tão belo. Mal a princesa saía assim travestida da morada da fada madrinha, o rei que se aprontava para a celebração do feliz casamento, no frescor da manhã, ficou sabendo do seu funesto destino. Não houve casa, caminho ou bulevar que não fosse revistado prontamente. Mas foi em vão tanta agitação, ninguém podia adivinhar o que acontecera à princesa. Espalhou-se por todos os lados um triste e torpe desgosto (Perrault, 2015, p. 323).

A simbologia da pele de asno surge, neste contexto, como uma forma de ocultação da personagem por si mesma e como um modo de resistência ao abuso sofrido. Este disfarce é utilizado pela protagonista a fim de esconder-se de seu abusador, seu pai, e proteger-se contra os olhares lascivos que ela percebia na figura paterna. Assim, a ocultação com a pele de asno pode ser vista como uma metáfora do silêncio a que muitas vítimas de abuso se submetem por medo do agressor, tanto na literatura quanto na realidade. Do mesmo modo, a pele é uma forma de luta e rebelião contra o abuso, já que é uma maneira de “fugir” do seu opressor.

Sob o olhar psicanalítico, a personagem renuncia a seu “eu” para lidar com o trauma, tornar-se repulsiva, excluída e indesejada socialmente e sexualmente. Por fim, quando o príncipe estrangeiro se apaixona por ela, a personagem sente-se segura para despir-se da pele de asno, materialização simbólica de seu sofrimento e resistência. Isso, de maneira analítica, representa a formação de uma nova identidade e a superação do trauma vivenciado pela garota. “Mas quando ela tirou dos ombros a pele, apresentou uma mãozinha que parecia de marfim, levemente tingido de púrpura, e o seu dedinho foi envolto à justa pelo anel, a corte caiu numa surpresa insondável” (Perrault, 2021, p. 328).

No senso comum social, acredita-se que o abuso sexual infantil só se configura na prática do ato libidinoso; entretanto, atualmente, tal concepção é refutada no meio jurídico. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê, em seu artigo 241-D, que aliciador, assediador, instigador ou constrangedor, por qualquer meio de comunicação, criança, com o fim de com ela praticar ato libidinoso é crime. Deste modo, o fato de o pai sentir-se no direito de desposar a filha configura o conflito como crime a partir da lei de assédio sexual, do ECA, em seu art. 216-A. Ademais, conforme a legislação, constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerente ao exercício de emprego, cargo ou função, tem como pena a detenção de 1 a 2 anos. Segundo o inciso 2º, a pena é aumentada em até um terço se a vítima for menor de 18 anos, como é o caso citado no conto.

O abuso sexual infantil ainda é uma problemática no contexto social contemporâneo, sendo muitas vezes alvo de silenciamento, falta de discussão e desinformação, passando frequentemente despercebido na escola, na sociedade e na família. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), das 204 milhões de crianças com menos de 18 anos, 9,6% sofrem exploração sexual, 22,9% são vítimas de abuso físico e 29,1% têm danos emocionais. Os dados mostram que, a cada 24 horas, 320 crianças e adolescentes são explorados sexualmente no Brasil – no entanto, esse número pode ser ainda maior, já que apenas 7 em cada 100 casos são denunciados. O estudo ainda evidencia que 75% das vítimas são meninas e, em sua maioria, negras.

O conceito de infância evoluiu ao longo dos séculos, bem como a proteção aos menores, por meio das leis. Todavia, infelizmente, a problemática do abuso sexual infantil permanece atual - omitida por famílias ou disfarçada sob “peles de asnos” contemporâneas, mesmo com a existência de leis que protejam esses menores, como o Estatuto da Criança e do Adolescente. Por meio do prisma da ficção, a narrativa expõe um tema que, lamentavelmente, transcendeu o tempo e a fantasia e que, hoje, permanece sendo acobertado pelo silenciamento e pela conivência, pelo tabu social e pelo medo da denúncia. A persistência desse problema revela que a literatura, ao expor simbolicamente essas violências, reflete e questiona uma sociedade que ainda falha em garantir segurança e dignidade à infância, tornando o conto de Perrault dolorosamente atual.

4.5 Literatura como ferramenta de conscientização

Segundo o artigo 205 da Constituição Federal do Brasil de 1988, a educação é um dever compartilhado entre a família, o Estado e a sociedade em geral, sendo estes responsáveis pela formação dos futuros cidadãos, tanto para o mercado de trabalho quanto para o exercício da cidadania. Tendo-se em vista tal aspecto legal, os professores não somente têm o papel de formar intelectualmente os educandos, como também para a vida, fazê-los refletir criticamente em frente aos desafios da vida para que, assim, possam superá-los. Logo, falar sobre a prevenção e identificação do abuso sexual infantil na sala de aula, por mais desafiador que seja, se faz necessário e, neste ponto, a sutileza da literatura é sempre bem-vinda para tal.

Essa prerrogativa torna-se ainda mais atual quando se compreende os principais responsáveis pelas situações de abuso. Conforme o Anuário Brasileiro de Segurança

Pública, 88,2% das vítimas de abuso sexual infantil são meninas de 10, 11 e 12 anos, sendo seu pico aos 13 anos. Por hora, são registrados mais de cinco estupros de menores de 14 anos. Quanto aos autores do crime, afirma-se, segundo os dados do Anuário, que 63,3% foram praticados por familiares, sendo que grande parte dos abusadores são pais e padrastos, e 22,2% outros conhecidos. A residência da criança continua sendo o ambiente mais vulnerável ao risco de abuso sexual infantil, fato que se mostra contraditório, tendo-se em vista que o lar deveria ser um local de acolhimento e de segurança para a criança. Cabe citar também que as maiores vítimas de estupro no Brasil não são mulheres, mas sim meninas, até os 17 anos. Desta forma, deduz-se que os abusadores buscam a idade mais tenra devido à inocência e ao medo da denúncia, o que as torna vítimas mais indefesas e vulneráveis.

Sob o prisma de tal problemática, percebe-se o quão importante é o trabalho do professor e da comunidade escolar para a identificação dos casos de abuso sexual infantil, haja vista que grande parte deles surgem dentro da própria família da criança/adolescente. Neste contexto, o docente, quando acolhedor e observado como confiável pelo aluno, é visto como um refúgio para a criança, que passa grande parte do seu dia na escola.

Percebe-se também que, ao mesmo tempo em que há leis de proteção à infância, práticas de abuso sexual infantil são normalizadas em músicas, na publicidade, em programas televisivos e filmes – erotizando o comportamento da criança até que isso se torne parte da cultura dominante e que o contrário seja visto como anormal e tradicionalista. Nesse viés, a literatura pode servir de auxílio ao professor, para tratar da prevenção do abuso sexual infantil, de uma forma sutil e menos invasiva. Da mesma forma que o texto literário pode ser capaz de perpetuar problemáticas sociais, ele também pode ser capaz de se estabelecer um contraponto à realidade desejada e à que se impõe. O conto *Pele de Asno* não narra uma história comum – ela produz asco, repulsa e estranhamento a quem lê e parte de uma realidade familiar saudável. Neste ponto, entende-se que achar o conteúdo abordado como “normal” pode ser um sinal de alerta, pois trata-se, evidentemente, de uma relação incestuosa de uma família disfuncional. Conforme McDaniel e Vasconcelos et al (2006, p. 208)

As histórias também transmitem cultura, reproduzindo padrões de comportamento ou regras vigentes em determinada comunidade verbal e indicando um caminho a seguir. Essas regras presentes nas histórias estão diretamente relacionadas aos fatos vivenciados pelos personagens e têm a finalidade de ajudar crianças a aprenderem novos comportamentos, podendo influenciar os jovens leitores.

Assim, ao tratar do conto, o professor pode abordá-lo de forma que o aluno explore, reflita e questione a sua própria realidade. Isso pode ser realizado por meio de rodas de leitura, em que os alunos serão incentivados a pensar sobre o tema, de uma forma sutil. Perguntas como “Vocês perceberam algo diferente nessa história?”, “Vocês já presenciaram situações semelhantes a essas?” ou “É normal que um pai queira se casar com a filha?” podem evidenciar práticas abusivas vivenciadas pelas crianças e propiciar um ambiente seguro para a denúncia. A partir desse diálogo, instruções podem ser dadas às crianças a fim de ensiná-las a agir frente a tais situações, como proposto

(a) Ensinar às crianças normas de segurança geral (endereço, telefone, telefones de emergência, etc); (b) fornecer instruções explícitas sobre a posse de seu próprio corpo (meu corpo me pertence); (c) ajudar às crianças a distinção entre um toque adequado e inadequado; [...] ; (e) ensinar à criança que ela pode dizer não e rejeitar insinuações não desejadas; (f) incentivar a criança a relatar a um adulto de confiança sobre coisas que a incomodam; (g) ensinar a criança a identificar pessoas de sua confiança; (h) ensinar sobre as partes íntimas e anatomia de seu corpo; (i) fornecer a exposição repetida de mensagens de segurança; (j) ensinar que os adultos às vezes agem de forma inadequada ou inapropriada; (k) salientar que o comportamento inadequado de um adulto nunca é culpa da criança; (l) ensinar que as vítimas não têm um estereótipo, ou seja, podem ser de qualquer gênero, idade e etnia; (m) ensinar que não existe um estereótipo de agressor, que o mesmo pode ser um adulto do sexo masculino ou feminino, ou ainda uma criança maior ou adolescente; (n) ensinar que os agressores podem ser pessoas de sua confiança ou pessoas conhecidas; (o) incentivar a denúncia e a notificação dos casos; (p) salientar que as crianças têm o direito de ficarem em segurança; (q) oferecer oportunidade para a participação ativa das crianças durante a leitura; e (r) fornecer material de apoio para pais e professores (Soma e Williams, 2014, p. 6 apud Lampert e Walsh, 2010, p. 5).

Essa proposta pode aderir às campanhas nacionais de conscientização já existentes no Brasil, como o *Maio Laranja*, instituído pela lei 15.035/2024. Em prol do mesmo fim, ocorre a campanha do *Faça Bonito* que tem como objetivo a proteção da infância e da adolescência e a vê como uma missão de todos. A fim de contrapor os padrões de silenciamento em torno do abuso sexual infantil, o conto pode servir de ponte para debates acerca do tema tanto com crianças quanto com adultos. Para as crianças, o conto pode ser abordado de forma que ensine e alerte as crianças sobre as situações de abuso e a importância de comunicar a uma pessoa de confiança. Adultos, certos de uma maturidade, podem ter discussões mais aprofundadas sobre o tema – os sinais de alerta, a necessidade de ouvir as crianças e perceber mudanças de comportamento.

Em conjunto, esses diálogos criam pontes para espaços seguros de conversa, tão necessárias para as crianças vítimas de abuso, que, em geral, o sofrem no ambiente

familiar. O conto, portanto, não deve ser censurado ou escondido, mas usado como base para uma conscientização popular. O abuso sexual infantil não deixará de existir com o silêncio, e sim com o debate, com a resistência e com a denúncia. Nesse embate, o objetivo final é usar a narrativa como uma ferramenta educativa de conscientização e denúncia do abuso sexual infantil, que, embora velado e sutil, como no conto, é tão corriqueiro e real no meio social.

5 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

A representação do abuso sexual no conto popular *Pele de Asno* revela o imaginário da sociedade de uma época, seus costumes e tradições. Entretanto, a partir da análise realizada, conclui-se que, mesmo após séculos de sua publicação, essa narrativa mantém-se atual: a representação banalizada e normatizada no período, hoje, é vista com asco, apesar de ainda vingar. A literatura, deste modo, é tanto instrumento para a perpetuação da memória e representação de um povo como instrumento de denúncia social, cabendo a cada um dos cidadãos dar voz a um problema que não se resolve com o silêncio. Logo, o conto traz consigo uma reflexão e simbologia que ultrapassam os limites do visível e partem para a construção de múltiplos sentidos, ao revelar uma profunda crítica social e simbólica.

Os objetivos dessa pesquisa foram alcançados ao longo do percurso da escrita e estudo. *Pele de Asno* é uma representação da banalização popular para com o abuso sexual infantil, no passado e na atualidade. Atualmente, diversas são as leis que defendem e protegem a infância, mas poucas são as que se impõem na realidade. A pele que revestiu a princesa, por um lado, referencia-se à ocultação de si, do medo da denúncia. Por outro, entende-se como uma forma de resistência ao abuso – a partir da criação de uma nova identidade, que produz asco, mas que é respeitada. Por fim, entre os principais expoentes do estudo em questão, a visão do conto popular como fonte histórica e documento social de que o abuso sexual infantil se naturaliza se destacou. Portanto, percebe-se que a ficção e a fantasia são retratos da realidade e que também podem servir como instrumento de denúncia.

Este estudo não tem um fim em si mesmo. Objetivamos com ele não somente abordar a questão do abuso sexual infantil relacionado ao conto, mas também fomentar novas pesquisas e criar linhas de interpretação acerca do tema. Por fim, queremos com essa pesquisa ajudar a população em geral a identificar casos de abuso infantil e realizar

a denúncia. Práticas normalizadas no passado, a ponto de serem escritas em um conto infantil, não podem ser consideradas comuns e, muito menos, aceitáveis na atualidade.

A partir dessa reflexão, é fundamental que haja um diálogo mais aprofundado sobre a maneira como a literatura pode ser utilizada para abordar questões sociais delicadas, como o abuso infantil. O papel dos educadores, assim como das instituições de ensino, vai além da simples transmissão de conteúdo; é necessário que eles sejam agentes de transformação, capacitados para identificar sinais de violência e intervir de forma adequada. A literatura, nesse contexto, torna-se uma ferramenta valiosa para provocar debates e promover uma educação que sensibilize a comunidade para a proteção das crianças. Assim, reafirma-se que estudar *Pele de Asno* é também confrontar a permanência de violências naturalizadas e reconhecer, na literatura, a potência para iluminar aquilo que a sociedade insiste em não ver.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Tradução de D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT. p. 175-220. 1978.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Sousa. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990. (Série Universitária. Clássicos de Filosofia).

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BETTELHEIM, Bruno; CAETANO, Arlene. **A psicanálise dos contos de fadas**. [S.l.]: [s.n.], 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 3 nov. 2025.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. Barueri, SP: Manole, 2010.

DEBALD, Blasius; SILVA, Adriana; OLIVEIRA, Maria de. **A compreensão do contexto histórico a partir dos contos de fadas no século XXI**. Pleiade, Foz do Iguaçu, v. 14, n. 14, p. 68-76, jul./dez. 2013.

DELLA MÉA, Juliane. **Infâncias roubadas nas vozes que se calam: uma leitura do conto de fadas “Pele de Asno” contrapondo ao miniconto “Cicatriz”** (2015). Revista Falange Miúda, v. 6, n. 1, p. 28-41, 2021.

DOSSIÊ VIOLÊNCIA SEXUAL. **Abuso sexual infantil**. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-sexual/tipos-de-violencia/abuso-sexual-infantil/#:~:text=O%20artigo%202013%20tipifica%20o,de%208%20a%2014%20anos>. Acesso em: 10 abr. 2024.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Cartilha sobre violência sexual contra criança e adolescente**. Disponível em: <https://www.policiacivil.sp.gov.br/portal/imagens/Cartilha%20Violência%20Sexual.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2024.

FERREIRA, Cristina. **José de Alencar e a emancipação nas cartas de Erasmo (1865-1871)**. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 7., 2015, Curitiba. Anais [...]. Curitiba: UFPR, 2015. p. 1-13.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>. Acesso em: 3 nov. 2025.

GOVERNO FEDERAL (Brasil). **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, 1990.

LAMPERT, J.; WALSH, K. **‘Keep telling them until someone listens’**: Understanding prevention concepts in children’s picture books dealing with child sexual abuse. *Children’s Literature in Education*, v. 41, n. 2, p. 146-167, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

McDANIEL, C. **Children’s literature as prevention of child sexual abuse**. *Children’s Literature in Education*, v. 32, n. 3, p. 203-224, 2001.

MESSINA, Marieta Vieira. **O processo de individuação feminino no conto de fada “Pele de Asno”**. *Self – Revista do Instituto Junguiano de São Paulo*, v. 4, n. 1, p. 1-25, 2019.

MICHELLI, Regina; PRATTS, Fábio. **Perspectivas do masculino em contos de Charles Perrault**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE LETRAS E ARTES, 2009. Anais [...]. [S.l.: s.n.], 2009.

PERRAULT, Charles. **Contos de mamãe gansa**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

PERRAULT, Charles. **Pele de Asno**. In: **Contos de fada em suas versões originais**. 5. ed. [S.l.]: Wish, 2021. p. 318-330. ISBN 978-85-67566-18-4.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

RADINO, Glória. **Contos de fadas e realidade psíquica**: a importância da fantasia no desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SAMPAIO, Rafaela Bispo da Silva. **Era uma vez**: o conto, a tradição oral e o feminino em versões do ciclo Pele de Asno. 2023. [Tipo de trabalho e instituição não informados].

STAKONSKI, Ana Carolina; SILVA, Ivone Maria Mendes. **Pele de Asno**: do texto ao contexto. *Signótica*, v. 33, n. 1, p. 1, 2021.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.

ZIPES, Jack. **Os contos de fadas e a arte da subversão**. Tradução de Camila Werner. São Paulo: Perspectiva, 2023.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ/BA

DECLARAÇÃO DE (NÃO) USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Eu, Milene Carneiro Reis, estudante do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado **A REPRESENTAÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL NO CONTO *PELE DE ASNO*, DE CHARLES PERRAULT** é de minha autoria.

Considerando que recursos de inteligência artificial **não devem ser utilizados na escrita/produção da redação final do trabalho** de conclusão de curso, declaro também que durante a produção do texto:

(X) NÃO houve o uso de inteligência artificial

() SIM, houve o uso de Inteligência artificial. (Neste caso, informe abaixo o uso que foi feito e quais recursos foram utilizados, sabendo que a IA **não deve ser utilizada para escrita do texto**)

A Inteligência artificial foi usada no texto para:

- () revisão linguística do texto
- () elaboração de imagens e gráficos
- () tradução
- () Outros (especificar) _____

Cite os recursos de IA que foram utilizados (ex: Chat GPT)

Caetité, 14/01/2026.

Milene Carneiro Reis

Milene Carneiro Reis – 062210136



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ/BA**

DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

Eu, Milene Carneiro Reis, estudante do curso de Licenciatura/Bacharelado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado “**A REPRESENTAÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL NO CONTO *PELE DE ASNO*, DE CHARLES PERRAULT**” é de minha autoria. Declaro ainda que os trechos e citações de terceiros presentes no texto estão devidamente referenciados conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e que assumo inteira e total responsabilidade em caso de identificação de plágio, sujeitando-me às penas previstas no Código Penal Brasileiro.

Caetité, 14/01/2026.

Milene Carneiro Reis

Milene Carneiro Reis – 062210136